



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



A RELIGIOSIDADE PRESENTE NOS AFOXÉS EM SALVADOR E EM SERGIPE

Liliane Maria de Santana Santos

NPPA- Universidade Federal de Sergipe
lilimariass@hotmail.com

Resumo

Os afoxés surgem em meio a um cenário de fortes proibições a elementos ligados ao candomblé e advindos da “cultura negra”, sendo assim, o surgimento dos afoxés na Bahia está atrelado a visibilidade do candomblé nas ruas da cidade, assim como, a “criação” de uma identidade negra na Bahia, pautada pela luta dos direitos dos negros em meio a esta sociedade. Em um cenário diferente surgem os afoxés em Sergipe, em um período em que a democracia está consolidada e existe maior liberdade, mas que há ainda que implicitamente proibições acerca do culto das religiões de matriz africana, dessa maneira, mesmo em um contexto de surgimento completamente diferenciado dos da Bahia, o afoxé em Sergipe também surge como forma de manifestar sua religiosidade e evidenciar-se como meio de resistência cultural e valorização étnica. Neste íterim das diferenciações de aparecimento dos afoxés nos respectivos Estados, temos como objetivo entender a trajetória de desenvolvimento dos afoxés em Salvador e em Sergipe, para que assim possamos compreender de que maneira a religiosidade e a religião estão presentes nas suas formações e desenvolvimento nas respectivas sociedades. O nosso foco estará voltado para o afoxé Filhos de Gandhi em Salvador e o afoxé Omo Oxum em Aracaju, fazendo assim, uma análise comparativa entre ambos. Para tanto, buscamos relacionar a escrita, a oralidade e as imagens através de pesquisas documentais e de uma etnografia dos referidos afoxés. Sendo assim, entendemos que apesar de terem surgido em diferentes contextos, a essência dos afoxés continuam a mesma e a valorização à religião que os fundou também.

Palavras-chave: Afoxés; Religiosidade; Resistência cultural



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULTURAS | ESTUDOS EM CULTURA



1. Introdução

Os afoxés¹ na Bahia surgem em meio a um cenário de fortes proibições a elementos ligados ao candomblé e advindos da “cultura negra”, enquanto que em Sergipe eles surgem em um período em que a república e a democracia estão consolidadas e existe maior liberdade de expressão. Assim, o aparecimento de afoxés no contexto baiano e no contexto sergipano se dá em momentos diferenciados, nos incitando a entender os contextos e cenários que foram propícios para o surgimento e consolidação desses afoxés ao longo dos anos. Nesse sentido, iremos trabalhar os afoxés enquanto movimentos sociais, entendendo-os como “um empreendimento coletivo de protesto e contestação visando a impor mudança- de importância variável- na estrutura social e/ou política mediante recurso freqüente- mas não necessariamente exclusivo- a meios não institucionalizados” (Chazel in Goirand, 2009).

Os desfiles de afoxés não são muito valorizados pelas populações às quais eles estão atrelados, são vistos mais como um momento de festa do que como uma manifestação social em busca de reconhecimento e valorização social. Sendo assim, o afoxé surge para demonstrar a presença dos negros na sociedade e tentar alcançar uma maior aceitação através do convívio com eles, seria aquilo que Fernandes (1965) chamaria como um meio de integrar o negro em uma sociedade de classes.

Dessa maneira, essa pesquisa buscará retratar a questão étnica e religiosa voltada para o carnaval de Salvador e para a festa de Nossa Senhora da Conceição em Aracaju. Pautados na ideia da existência dos blocos de afoxé como forma de “resistência negra”, assim como elemento central na construção ou re-construção de uma identidade negra, através de sua história e interesses que influenciaram e influencia toda a sociedade. Assim há uma busca da análise histórica e contextual sobre esses blocos presentes na memória escrita (artigos, dissertações, livros, jornais), oral (memória dos atores sociais) e visual (registro de imagens).

A indagação central que está norteando o desenvolvimento desse trabalho é descobrir

¹ Risério explica que a palavra ‘afoxé’ significa “enunciação que faz (alguma coisa) acontecer”, “a fala que faz”, “encantamento”, “palavra eficaz, operante”.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



quem são as lideranças dos blocos de afoxé Filhos de Gandhi² em Salvador e do afoxé Omo Oxum em Aracaju, para que assim tenhamos uma gama de informações sobre os atores sociais envolvidos nesse processo de formação e consolidação dos afoxés, relacionando todos os dados e fatos acerca do assunto.

Entendendo esses afoxés como movimentos sociais, à medida que eles se constituem lutando por direitos sociais e contra uma opressão social, buscamos descobrir como foram formadas essas associações/organizações; Em que contextos esses blocos aparecem; Quem foi e quem são suas lideranças; Qual a origem étnico-social e cultural desses participantes; Como eles passaram a frequentar esses blocos específicos; Como a relação de gênero aparece pautada nesses blocos (como contraposição ou como complemento); E por fim, entender até que ponto esses referidos blocos são uma forma de construção ou re-construção da resistência e da identidade negra.

Estes questionamentos nos remetem a discussões teóricas acerca do assunto abordado e a categorias, tais como a identidade, o carnaval e a religião, situando-os numa perspectiva da antropologia política, entendendo esses blocos como associações de cunho político e social, ou seja, mais do que simples organizações festivas, colocando-se politicamente na sociedade baiana e sergipana e de maneira geral em toda a sociedade.

A noção de identidade que irá pautar essa análise está relacionada com as idéias de Stuart Hall (2002), na qual a identidade é entendida como algo dinâmico, que desarticula estabilidades e possibilita o surgimento de novas identidades.

O carnaval que se constitui como elemento secundário nesta análise terá suas idéias expressas através do pensamento de Antônio Risério (1981), entendido como um momento em que não há simplesmente uma inversão de valores ou uma reflexão da sociedade vigente, mas há também uma transformação naquela sociedade. O carnaval é capaz de alterar algumas características da sociedade, quando ele termina nem tudo volta a ser exatamente como já foi anteriormente.

² O nome é em homenagem ao líder indiano Mahatma Gandhi, que lutava pacificamente pela paz entre os povos. No bloco, o nome Gandhi vem diferenciado pela utilização do “y”, como meio de não sofrer pressão pela utilização do nome do líder.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Já a religião é entendida de acordo com Durkheim (2000) como o meio responsável pela criação e manutenção da solidariedade entre os indivíduos, possibilitando assim estabilidade e harmonia social.

Sendo assim fica evidente que temos uma série de questionamentos que se constituem enquanto objetivos específicos de nossa pesquisa e que são pertinentes para que tenhamos dados suficientes para sabermos quem são efetivamente esses participantes e a relevância desses afoxés como meio de resistência cultural na Bahia e em Sergipe. O propósito da pesquisa é ambicioso, mas acredita-se que será alcançado no decorrer do tempo estabelecido para tal.

Buscaremos atingir os propósitos através da análise da história de constituição de ambos, as lideranças que os compõem, os contextos que estão inseridos, suas diferenças e similaridades, a questão de gênero existente e a forte presença em ambos de elementos oriundos da religião de matriz africana: o candomblé. Informações adquiridas através dos vários meios de informação escrita e oral. O recorte temporal está atrelado ao surgimento dos primeiros afoxés em Salvador até os dias atuais com o surgimento de afoxés em Sergipe. Entretanto, *ressalta-se que não analisaremos toda a história de cada um*, mas os momentos da história em que tiveram mudanças e significações para cada um dos blocos envolvidos no decorrer de todos esses anos.

Utilizaremos o uso de entrevistas biográficas, as quais têm como objetivo entender como os atores sociais envolvidos entraram nos respectivos afoxés, por que eles escolheram esses afoxés especificamente, quais as trajetórias desses envolvidos, que fatores os levaram a serem Filhos de Gandhi ou Omo Oxum em seus respectivos Estados. A utilização de imagens sejam antigas ou as que serão produzidas, objetiva relacionar aquilo que fora falado com o que de fato existiu e existe, serão portanto, consideradas como um testemunho sobre aquilo que está sendo retratado.

A pesquisa contemplará as atividades desenvolvidas por ambos os afoxés durante todo o ano, através de uma etnografia dos seus encontros, reuniões, ensaios e cortejo. Essa pesquisa ainda está em andamento, com visitas às associações e participação nos ensaios que



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



os preparam para os cortejos do dia 08 de dezembro (Omo Oxum) e período carnavalesco (Filhos de Gandhi). Períodos estes em que há maior visibilidade para os afoxés e consequentemente maior material de trabalho para quem os estuda.

Assim, para traçarmos um posicionamento frente à participação nos blocos de afoxé Filhos de Gandhi e no Omo Oxum, tomamos uma análise do todo e não apenas dos dois blocos citados como um fim em si mesmo deslocado da vida social e concreta da população. A partir daí, vale trazer para o campo de análise os fundamentos conceituais e centrais da participação a fim de podermos ter maior subsídio na análise dos blocos no carnaval soteropolitano e no dia de Nossa Senhora da Conceição em Aracaju, tendo como objeto de estudo os blocos de afoxé Filhos de Gandhi e o afoxé Omo Oxum.

Dessa maneira, o que apresentamos aqui nesta pesquisa são os resultados preliminares obtidos nesse estudo acerca do surgimento e desenvolvimento dos afoxés em Salvador e em Sergipe, enfatizando a questão religiosa como meio central para o desenvolvimento de ambos. Para que possamos compreender as suas semelhanças e diferenças através das trajetórias e contextos envolvidos. E assim tenhamos uma breve noção de quem foram os participantes desses Afoxés e também de quem ainda são esses participantes.

2. História e Gênese dos Afoxés em Salvador e em Sergipe

Desde o século XIX até a atualidade os afoxés foram e ainda são presentes na história da Bahia e no carnaval de Salvador, ocupando lugares desvalorizados na maioria das vezes, sem o reconhecimento devido às suas condições de “memória” cultural de um povo. Em Sergipe os afoxés surgem recentemente, em um contexto completamente diferente dos de surgimento na Bahia, contudo, em sua essência possuem o mesmo objetivo de afirmação étnica, assim como uma resistência cultural em que há a valorização da religião afro brasileira e de tudo que possa remeter às raízes africanas.

O surgimento de afoxés no contexto baiano desenvolve-se por volta de 1895, num período de fortes proibições a elementos que reverenciem o candomblé e a cultura negra, tendo em vista que buscava-se um “embranquecimento” da sociedade. Os negros eram vistos



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



como inferiores e imorais. A criação dos afoxés aparece então como uma forma de resistência cultural, evidenciando o candomblé nas ruas da cidade e demarcando um espaço territorial, período que é denominado de “africanização” da Bahia.

Eles apareceram como clubes negros organizados, os quais ganharam visibilidade apresentando-se utilizando elementos comuns aos clubes brancos. Apesar de possuírem esses elementos, eles também possuíam elementos comuns à religião Africana e utilizavam os mesmos princípios dos rituais utilizados pelos afoxés simples da época. Esses clubes eram: Os pândegos da África e a Embaixada Africana. Foram considerados mais aceitáveis pela população, tendo em vista que eles exibiam riqueza e luxo nos seus desfiles, assim como, os seus dirigentes possuíam uma boa situação de classe e bons contatos que faziam com que eles fossem mais bem aceitos.

Os dirigentes desses clubes tinham participação política, atuação em sindicatos e organizações, bons níveis de escolaridade que lhes favoreciam na criação e consolidação dos referidos clubes. Essas variáveis remetem a maiores possibilidades de aceitação pela população branca e pela imprensa da época, visto que as condições econômicas deles faziam com que os afoxés fossem legitimados. O que não ocorria com os afoxés mais pobres que eram vistos como batuque insolente da população marginalizada.

Em 1902 os afoxés pediram licença à Prefeitura de Salvador para desfilar e tiveram o pedido negado, causando uma série de discussões, na qual trazia a tona a questão de que os afoxés eram marginalizados, mas resistiam, assim como, uma aceitação melhor de seus próprios elementos símbolos do candomblé, o que mostrava uma ideia bastante recorrente nesse período, que é a ideia de resistência cultural.

“A nossa polícia não se dignou ainda providenciar para que nas próximas festas carnavalescas a Bahia não ofereça o triste espetáculo de outros anos (...) e se por acaso tivermos a felicidade de ao noticiarmos as festas de domingo e terça-feira, registrar a ausência dessa vergonha para esta terra, só teremos que agradecer ao povo, que, compreendendo o nosso esforço e a nossa posição, abandonou a ideia desses candomblés e entregou-se sob outro aspecto mais digno as diversões de Momo que não conhece hierarchias nem tristezas” (Jornal de Notícias, 07/02/1902).³

³ Dado obtido através do Livro: Desfile de Afoxés produzido pelo IPAC Salvador, 2010.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Aparece a partir de 1930 uma imprensa denominada de “imprensa negra” que irá dá visibilidade aos acontecimentos referentes às manifestações oriundas desta etnia. Neste período, as autoridades passam a se preocupar menos com as manifestações culturais dos negros, dando um afrouxamento no qual cada vez mais eles irão se inserindo na busca de valorização e reconhecimento. Passa a existir então uma maior valorização da cultura negra, que vai mostrar o carnaval como forma de expressar uma baianidade existente.

O candomblé então se faz presente nas disputas pelos espaços no carnaval através dos afoxés, os quais em sua grande maioria estão diretamente ligados à religião de matriz africana. Assim, desde as cores das roupas utilizadas nos afoxés até os adereços, músicas e toques estão presentes elementos que simbolizam os orixás e à religião africana como um todo. Então, “o afoxé é uma extensão do terreiro. Normalmente quem está ali é a comunidade das casas religiosas para brincar em conjunto” (Sodré, Jaime. *Jornal Irohin*, 27/01/2008)⁴. Atualmente percebe-se uma transformação acerca das pessoas que participam nos Afoxés, mas analisaremos isso em outro momento.

Em contraponto, o período de surgimento dos Afoxés em Sergipe ocorre em 2005 em um período de amplo desenvolvimento da República e da democracia brasileira, mas que apesar disso continua mesmo que implicitamente a promover uma “proibição” de elementos oriundos das religiões de matriz africana. Também nesse contexto, o afoxé aparece como símbolo de resistência cultural e valorização negra.

Este aparecimento recente ou por outro ponto de vista tardio dos Afoxés em Sergipe, nos faz pensar como em um Estado que teve tanta influência da religião africana e tantos descendentes de escravos, nunca teve uma manifestação cultural evidentemente negra. Ao remetermos a possíveis respostas, acreditamos que esta possa está ligada aos contextos políticos os quais não permitiram uma manifestação e uma consolidação de práticas ligadas à religião africana no Estado.

Não queremos dizer que todos os Estados que tiveram influência africana tivessem que ter desenvolvido uma prática de manifestação cultural, mas é interessante salientar que as influências recebidas nos tempos de colonização de alguma forma se tornaram evidentes

⁴ Dado obtido através do Livro: *Desfile de Afoxés* produzido pelo IPAC Salvador, 2010.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



como características do próprio lugar. É nesse sentido que acreditamos que essa influência Africana em Sergipe pudesse ter desenvolvido no Estado uma manifestação cultural que evidenciasse a influência, a resistência e a cultura afro-brasileira.

Salvador era visivelmente o local que essa influência se daria de forma mais profunda, na medida em que o cenário baiano era favorável para o desenvolvimento de uma cultura afro-brasileira. Enquanto que nos outros Estados com contextos diferenciados essas manifestações teriam um menor desempenho, como foi o caso do Estado de Sergipe.

A transferência da Capital sergipana de São Cristóvão para Aracaju em 1885 permitiu que um núcleo urbano pudesse se constituir e isso fez com que vários terreiros pudessem se desenvolver na capital. Entretanto, os lugares destinados a esses terreiros de candomblé eram os bairros mais pobres da nascente cidade, bairros estes pouco habitados e que davam um caráter de liberdade para as práticas de matriz africana (Aguiar, 2005).

As manifestações religiosas de origem africana foram se diversificando no cenário sergipano, ganhando mais destaque ao longo dos anos e do desenvolvimento da capital sergipana e do Estado como um todo. Contudo, em meio a uma sociedade conservadora, os libertos escravos tiveram poucas formas de manifestarem a sua cultura, menos ainda de destacá-la em cenário estadual.

Dessa maneira, a forma de resistência negra evidente no Estado estava diretamente ligada ao desenvolvimento dos cultos religiosos, os quais passaram por momentos de perseguição e de proibição, ficando cada vez mais distantes das áreas urbanas. Segundo Aguiar (2005), as práticas cotidianas das sessões passavam a funcionar como alternativa de resistência. Em meio a tantas dificuldades de permanência foi difícil encontrar oportunidades políticas ou espaços para o desenvolvimento de uma perspectiva de mobilização mais forte.

Assim, diante de várias repressões aos cultos de origem africana aqueles que faziam parte deles sentiram-se retraídos para organizar manifestações, dessa maneira, o afoxé só encontra espaço para se desenvolver nesse Estado no século XXI, mas precisamente em 2005 através de alianças e oportunidades políticas.

- O Afoxé Filhos de Gandhi

É em meio ao surgimento do carnaval de rua que aparece o afoxé moderno, que tem a



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



possibilidade de sair às ruas, de ser integrado como fonte de manutenção da cultura. É precisamente nesse período que surge o afoxé Filhos de Gandhi, o qual é um dos objetos de nosso estudo nessa pesquisa, este afoxé será a grande invenção neste cenário do século XX acerca dos afoxés. Apesar de nesse período de surgimento do Filhos de Gandhi o candomblé não ser mais proibido (1946 e 1947), e as festas negras também não serem mais proibidas, os negros ainda se deparam com a forte consideração deles como desqualificados para ocupar um ambiente social. E é como forma de resistência e afirmação que eles persistem ao saírem às ruas.

“Nessa lógica, a transposição do candomblé para as ruas, durante o carnaval, significou uma posição política diante de uma sociedade excludente que via nas manifestações culturais africanas um atraso cultural” (Santos, 2010).

O afoxé Filhos de Gandhi aparece com o discurso de um afoxé que prega a paz e a “Integração Social”, sendo assim, esse bloco aceita a participação de pessoas etnicamente diferentes, já que preza pela integração dos povos. Este Afoxé não evidencia posições políticas, mas fica nítido que ao aparecer num cenário Pós Segunda Guerra Mundial e influenciado pelas ideologias do líder político e religioso indiano Mahatma Gandhi, o afoxé trazia implicitamente a sua luta contra a opressão aos negros e consolidou-se como uma referência de organização negra e resistência cultural.



Afoxé Filhos de Gandhi 1949 (Foto: Pierre Verger)



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Na década de 80 possuindo já um forte respaldo cultural ele já tinha cerca de 4 mil associados e entre eles um vasto número de pais de santos, os quais davam legitimidade à divulgação do culto nagô como afirmação étnica. Ele foi criado por estivadores do porto de Salvador, os quais tinham um bom nível de conhecimento dos acontecimentos internacionais devido ao trabalho no porto e ao assistirem ao filme sobre Mahatma Gandhi ficaram impressionados com a forma de “revolução” dele, então inspirados nessa filosofia da paz e dispostos a manter-se nas ruas, surge o afoxé Filhos de Gandhi.

Mas o desenvolvimento desse bloco não se deu de forma linear, em 1970 ele some para só reaparecer em 1979. Este período de desagregação do afoxé está ligado ao momento histórico. Na década de 70 aparecem os blocos de trio que dão uma configuração inteiramente nova ao carnaval baiano e à posição que os afoxés vão ocupar nesse cenário. Nesse período haverá um recuo dos afoxés e estes começam a perder espaço nas ruas de Salvador, retornando apenas em 1979, influenciado e apadrinhado por Gilberto Gil cantor de alto renome nacional, permanecendo no cenário baiano até o momento atual.



Afoxé Filhos de Gandhi- Praça Castro Alves 2012 (Foto: Liliane Maria)

Assim, faz-se necessário dizer que no cenário do século XX e que perpassa o século XXI têm-se na Bahia dois tipos de Afoxé: de um lado os Filhos de Gandhi consolidado e com recursos e de outro os afoxés menores que tentam sobreviver.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



- O Afoxé Omo Oxum

O afoxé Omo Oxum é um Afoxé exclusivamente feminino, foi criado no ano de 2005, com o objetivo de evidenciar a mulher religiosa afro-sergipana, assim como discutir a intolerância religiosa, buscando reduzir o preconceito para com a mulher negra e com os participantes do candomblé. O nome dado a esse afoxé está relacionado à descendência do terreiro Abacá São Jorge que é matriarcal e descendente de Oxum.

Essa manifestação composta por mulheres, mas que tem a participação de homens em todo seu processo de desenvolvimento pode ser vista como um movimento de mulheres como é colocado por Ferree (2009), no sentido de que tem um discurso mais tênue que o das feministas, assim como o seu discurso é em relação às diversas causas sociais e não apenas direcionadas às questões femininas. Ressaltamos que movimento de mulheres e feminismo apesar de serem conceitos diferentes não devem ser polarizados, mas deve-se tentar analisá-los de maneira que eles possam se complementar.

Dessa maneira, ao surgir como o primeiro afoxé de Sergipe o Omo Oxum causou aceitação por parte de alguns, mas também causou conflitos e dissidências dentro do próprio círculo do candomblé, tendo em vista que o aparecimento de um afoxé referente a um determinado terreiro acabava por fortalecer e propiciar maior visibilidade a este terreiro. Sendo assim, algumas pessoas passaram a entender a criação deste Afoxé como meio de atingir superioridade perante os outros terreiros.



Afoxé Omo Oxum- Orla de Atalaia 2011 (Foto: Liliane Maria)



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Em meio a esse conflito de terreiros surge em 2007 o afoxé Akueran e em 2011 o afoxé Di Preto, os quais ainda não possuem o mesmo nível de visibilidade que o Omo Oxum, mas começam a se inserir na sociedade. Sendo assim, aparecem afoxés em Sergipe com intuitos próximos, porém diferentes e composições também diferenciadas. Entendemos que o surgimento de mais afoxés no Estado independentemente de existir dissidências entre eles, possibilita o fortalecimento das práticas culturais que valorizam as questões da religião africana assim como evidencia os negros na sociedade.

O contexto político de surgimento desses afoxés é o mesmo, entretanto, as redes de relações e alianças que os perpassam não o são. A relação de amizade que se estabeleceu entre os representantes do afoxé Omo Oxum e membros da política sergipana em vigência no poder foi fator preponderante para o desenvolvimento desse afoxé. Com essa forte ligação entre o afoxé e a política sergipana podemos pensar que esse afoxé já surge institucionalizado, mas “a institucionalização da associação, como vemos, não é produto da mecânica de alistamento nas estruturas de diálogo e negociações. É o resultado de experiências e prática vivenciadas pelos seus membros e as formas de aprendizagem...” (Sawicki, 2003). Dessa forma, entendemos que há uma relação de co-produção entre os membros envolvidos, mas não uma institucionalização da instituição.

A falta de incentivo à existência desses afoxés em Sergipe deve-se em muitos aspectos à posição de pouca abertura da sociedade sergipana em relação às religiões de matriz africana. Esta religião foi durante um grande período fortemente desvalorizada e proibida no âmbito social, visto que a ligavam a elementos de macumba, feitiço e coisas ruins. O preconceito se fez presente durante séculos e o candomblé foi desvalorizado nessa sociedade. Sendo que na atualidade em meio a fortes demonstrações democráticas, a religião africana continua sendo desprestigiada e desrespeitada por uma parcela ainda significativa da sociedade.

Dessa maneira, para que um afoxé pudesse surgir nesse contexto de proibições explícitas/implícitas, foi necessário uma “aliança” política com vistas em trocas de interesses para que isso pudesse ocorrer. Assim, ao encontrar uma abertura política com o Partido dos Trabalhadores em Aracaju, os representantes do terreiro Abacá São Jorge propuseram o surgimento do afoxé que daria um respaldo significativo não apenas ao referido terreiro, mas a todos que são ligados direta ou indiretamente a essa religião.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



A conquista de um afoxé no Estado, não se dá apenas para aqueles que o fazem, mas para toda a sociedade que passa a ser vista como menos preconceituosa e aceitando as diferenças como parte do processo de construção da humanidade. Além disso, promove o reconhecimento do candomblé enquanto religião de importância social como as outras existentes no Estado, à medida que evidencia para a população que o candomblé não é composto dos preceitos negativos que fora criado no ideário sergipano, mas é uma religião que preserva parte da cultura brasileira se a entendermos como a religião oficial dos negros que viveram no Brasil e auxiliaram no desenvolvimento e manutenção do mesmo.

3. Considerações Finais

Como esse artigo buscou demonstrar, há uma forte relação entre a religiosidade expressa aqui através do candomblé e o surgimento dos afoxés em Salvador e em Sergipe, sendo que esta religião é o cerne do desenvolvimento dessas manifestações culturais, possibilitando a construção de um discurso de resistência cultural e valorização da identidade negra. Nesse sentido, a análise do contexto de surgimento e desenvolvimento dos Afoxés se coloca como algo extremamente importante para entendermos a trajetória deles enquanto meio de manifestação negra no cenário baiano, sergipano e nacional.

Sendo assim, é no contexto de proibições e restrições aos negros (proibições e restrições explícitas ou implícitas) o momento em que vai aparecer com mais evidência a presença dos negros nas ruas, através da “criação” de oportunidades para demarcarem o espaço territorial em meio à sociedade. Nesse ínterim é que aparecem em momentos diferentes, mas valorizando a cultura de origem africana os afoxés Filhos de Gandhi em Salvador e o afoxé Omo Oxum em Aracaju, os quais apesar de algumas dificuldades existentes estão conseguindo uma boa adesão por parte das suas respectivas sociedades.

Percebemos assim, que as dinâmicas de desenvolvimento de ambos são pautadas de maneiras diferenciadas e em contextos diferentes, mas nem por isso retira a legitimidade dos afoxés em ambos os Estados como representantes da religião de matriz africana, da luta e da resistência cultural, assim como da afirmação étnica existente. Sendo assim, podemos concluir com base nesses resultados preliminares que os afoxés apesar de terem se formado



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



em distintos contextos, apresentam discursos similares e têm como pauta de luta a afirmação étnica e cultural do povo negro.

A visibilidade dessa busca de afirmação e resistência cultural atinge seu ápice através dos cortejos dos respectivos afoxés, momento em que eles saem às ruas e podem ser vistos pela sociedade, a qual os legitimam enquanto entidades de representação do negro em Salvador e em Sergipe. Ou seja, esses afoxés desenvolveram suas trajetórias através de vieses que se complementam em busca da permanência no espaço social que eles conquistaram ao longo dos anos no cenário baiano e sergipano e como forma de resistência e preservação das suas raízes religiosas e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Janaina Couvo Teixeira Maria de. In: Revista de Aracaju, 2005, nº 11.
- AMARAL, Rita de Cássia. *Festa à Brasileira. Significado de festejar, no país que “não é sério”*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: FFLCH/USP. 1998.
- BAHIA, Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. Desfile de Afoxés. IPAC/Salvador: Fundação Pedro Calmon, IPAC, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia. Construções da pessoa e resistência cultural*. São Paulo. Brasiliense. 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Salvador: Secretaria da Educação e Saúde. 1948.
- CHAUÍ, Marilena. *Participando do debate sobre mulheres e violência*. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, n.4, 1985.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. 6ª edição- RJ- Rocco, 1997.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa- O sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. Martins Fontes, São Paulo, 2000.
- FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. SP: Cia. Editora Nacional, 2 vols. 1965.
- FERREE, Myra Marx and MUELLER Carol McClurg. *Feminism and the Women’s Movement: A Global Perspective*. In: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESE, Hanspeter (eds.). *The Blackwell Companion to Social Movements (Blackwell Companions to Sociology)*. Oxford, Blackwell Publishing, 2009.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. RJ: M& Schmidt/José Olympio. 1933.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOHN, Maria da Glória. 1997. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola.

GOIRAND, Camille. Movimentos Sociais na América Latina: elementos para uma abordagem comparada. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 22, n.44, 2009, p. 323-354.

HALL, Stuart. Identidade Cultural na pós-modernidade. São Paulo: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. Brasília, Revista Brasileira de Ciência Política, nº 3, janeiro-julho de 2010, p. 49-77.

RISÉRIO, Antônio. Carnaval Ijexá. Notas sobre Afoxés e Blocos do Novo Carnaval Afrobaiano. Corrupio, Salvador. 1981.

SANTOS, Nívea Alves dos. IN: BAHIA, Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. Desfile de Afoxés. IPAC/Salvador: Fundação Pedro Calmon, IPAC, 2010.

SAWICKI, Frédéric. Les temps de l'engagement. À propos de l'institutionnalisation d'une association de défense de l'environnement. Publié dans Lagroye (Jacques) (dir.), La politisation, Paris, Belin, "Socio-Histoires" 2003.

SILVA, Ana Claudia Cruz da. Agenciamentos coletivos, territórios existenciais e capturas: uma etnografia de movimentos negros em ilhéus. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro, 2004.

SODRÉ, Jaime. Jornal Irohin, 27/01/2008. In: BAHIA, Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. Desfile de Afoxés. IPAC/Salvador: Fundação Pedro Calmon, IPAC, 2010.

OUTRAS FONTES

Associação Recreativa e Carnavalesca Filhos de Gandhi

Entrevista com AGUIAR, Fernando J F. 2011

Site: www.filhosdegandy.com.br e <http://www.carnavalouronegro.ba.gov.br/afoxes.php>